

# OS EFEITOS DAS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS, CONECTADAS ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, NAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

## THE EFFECT OF SOCIAL MOBILIZATION, IN NEW TECHNOLOGIES, ON CONTEMPORARY DEMOCRACIES

Um mapa do mundo que não incluía Utopia não merece ser olhado, já que deixa de fora o único país no qual a humanidade está sempre desembarcando. E quando a humanidade chega ali, olha para o horizonte e, ao ver um país melhor, zarpa em sua busca. O progresso é a realização de Utopias. (ALI, 2012, p. 65)

Thami Covatti Piaia  
thamicovatti@hotmail.com

Gustavo de Lima Pereira  
gustavo.pereira@puhrs.br

Recebido: 24-4-2017  
Aprovado: 12-11-2018

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 Globalização, cultura e transformações sociais. 3 Conexões sociais e novas tecnologias. 4 Intensificações das conexões sociais e mobilizações nas democracias contemporâneas. 4.1 Tunísia – Revolução de Jasmim. 4.2 Egito – Praça Tahrir. 5 Considerações finais. 6 Referências.

### RESUMO:

O presente artigo visa contextualizar e problematizar os efeitos das mobilizações sociais, conectadas às novas tecnologias, no anseio social por transformações nas democracias contemporâneas. Com o avanço tecnológico, novas formas de interação social permeiam os interesses de acesso ao espaço público, onde a internet, as redes sociais e a globalização, dentre outras variáveis, além de viabilizarem uma maior amplitude crítica da população

### ABSTRACT:

This article aims to contextualize and question the effects of social mobilization tied to new technologies on the social expectations for transformations in contemporary democracies. With new technological advances, new ways of social interaction are coming, along with the interest of access to public spaces. The internet, social networks and globalization siding with other variables enables a wider and richer perspective to the world

mundial, em face da pluralidade das vias de comunicação e interação, ampliaram também o espectro de empoderamento da população que reivindica por um aprimoramento democrático. Em que pese sejam questionáveis os efeitos positivos de fenômenos como a Primavera Árabe, a título exemplificativo, inegável é o fato de que as intensificações das conexões sociais perpassam pelas novas tecnologias e sua relação com a democracia, sendo este o centro principal do debate desenvolvido neste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Mobilizações Sociais. Democracias Contemporâneas. Novas Tecnologias. Intensificações das Conexões Sociais.

population, due the plurality of the communication and interaction means which also have amplified the spectrum of people's empowerment which asks for a democratic system's enhancement. Despite the fact that positive effects of phenomenon in the fashion, for instance, of the Arab Spring are questionable, it is undeniable that the intensification of social connections are tied to the new technologies and are blinded to democracy itself, being this the core debate of this paper.

**KEYWORDS:**

Social Mobilization. Contemporary Democracies. New technologies. Intensification of Social Connections.

## 1. INTRODUÇÃO

A história nos mostrou e nos mostra que greves, boicotes, passeatas e manifestações, sempre foram formas tradicionais de demonstrações das insatisfações populares, sendo que, atualmente, essas mesmas mobilizações sociais têm mostrado suas forças conectadas às novas tecnologias, dando um traço peculiar a esses movimentos. Tradicionais formas de resistências e protestos, adicionadas às novas tecnologias, como a internet, têm se destacado nos movimentos de indignação e esperança ao redor do mundo.

A evolução do que aqui podemos chamar de “insatisfação social” foi se transformando em movimentos modernos nos quais a internet se destaca, fazendo com que surgisse, uma nova forma de cidadania insurgente, agora digital, em rede, conectando pessoas em várias partes do mundo.

Para Dominique Wolton, a internet e as novas tecnologias representam:

Um mundo aberto e acessível a todos, e que finalmente dá uma chance a cada um, quais sejam seus itinerários profissionais e diplomas. E é por isso que as novas tecnologias adquiriram uma dimensão social: elas representam um pouco “uma nova chance” para todos aqueles que perderam a primeira. As novas tecnologias são, como uma figura de emancipação individual, “uma nova fronteira” [...]. (2012, p. 83-84)

Assim, desde o final de 2010, a comunidade internacional vem presenciando mobilizações em várias partes do globo, inicialmente na Tunísia, Egito e Líbia (manifestações que posteriormente ficariam conhecidas como “Primavera Árabe”), passando por Chile, Espanha, Islândia, México, Estados Unidos e até em Hong Kong, com a Revolução

dos Guarda-Chuvas, para citar alguns exemplos mais midiáticos. E o que todas essas mobilizações têm em comum? O net-ativismo.<sup>1</sup> Os indignados do século XXI, estão conectados, informados, criando estratégias de ataque e defesa fazendo uso de redes sociais, blogs, sites e aplicativos disponibilizados pela internet.

Muito bem enfatiza Castells, sobre essas mobilizações, quando aduz que:

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais na experiência humana real que fora reivindicada. (2013, p. 7)

No entanto, se em alguns países onde essas mobilizações aconteceram, reivindicando mais transparência na administração pública, melhores condições de vida ou uma democracia mais justa e participativa, o resultado pode ser considerado positivo, como é o caso da Tunísia, onde a democracia, aos poucos, está se tornando uma realidade, no Egito, ao contrário, a Primavera Árabe acabou, e o resultado foi extremamente frustrante para a população, fazendo com que a situação se tornasse pior do que a anteriormente existente.

Situações contraditórias como essas, nos levam a questionar se as mobilizações sociais conectadas às novas tecnologias teriam efeitos reais sobre as democracias contemporâneas, agindo como instrumentos revolucionários ativos, ou, se são apenas mais um meio de compartilhamento imediato de informações, estratégias e reivindicações.

No decorrer do texto, faremos análises e considerações sobre os efeitos das mobilizações sociais, conectadas às novas tecnologias, nas democracias contemporâneas, e, como esses acontecimentos se inter-relacionam com globalização, cultura, e aumento nas conexões e nas transformações sociais.

## 2. GLOBALIZAÇÃO, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Conceituamos globalização como sendo um processo econômico e cultural, que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo, gerando transformações sociais profundas e, que, por meio deste processo, as pessoas, os governos e as empresas trocam informações, realizam transações e espalham suas culturas pelo planeta. Nesse processo, o surgimento de novas tecnologias, como a internet, permitiu a troca imediata de informações entre as pessoas, em praticamente todos os lugares, gerando uma conexão cultural e econômica, sem precedentes na história. Esse processo de integração é a mais recente fase da globalização.

Innerarity muito bem argumenta, quando diz que:

---

1 O net-ativismo é o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresentam-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos "socius", mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva. (DI FELICE, p. 276, 2013)

Mais do que um mundo líquido, o processo de globalização tem levado a um mundo gasoso. Esta metáfora responde melhor a realidade dos atuais mercados financeiros e ao mundo da mídia, que se caracterizam, como volumes que se contraem e se expandem do estado gasoso, por ciclos de expansão e contração, do crescimento e recessão, não tendo um volume constante. (2013, p. 39)

Giddens acredita que “a globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.” (1991, p. 69). Essas intensificações das relações sociais, produzidas pela globalização e impulsionadas pelas novas tecnologias, diferenciam o modelo atual de vida, de todos os meios tradicionais já vistos pela humanidade. De acordo com Edgar Montiel (2003):

Nenhuma cultura pode escapar da influência da globalização e, como já se disse, a cultura está em mutação constante. Além disso, é necessário reconhecer que este processo de transculturação não se manifesta unidirecionalmente. Somente através de um intercâmbio fluído teremos a possibilidade de encontrar novas soluções para nossas diferenças culturais.

A humanidade é uma, mas suas culturas são numerosas. Deve-se ter presente que cada vez que uma cultura desaparece, a comunidade, em particular, e a humanidade, como um todo, empobrecem” (MONTIEL, 2003), pois a diversidade cultural faz com que compartilhem de uma humanidade híbrida e, portanto, não apenas uma responsabilidade e um respeito para com os outros, mas também a crença na capacidade de convivência e compreensão entre os seres humanos.

É elucidativa a contribuição de Bhabha (2005) nesta direção, quando afirma que “os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contínua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas”, enquanto base do comparativismo cultural, estão em profundo processo de redefinição.”

Essa universalização e seu caráter aberto certamente condenam toda identidade a uma inevitável hibridização, mas hibridização não significa necessariamente um declínio pela perda de identidade. Pode significar também o fortalecimento das identidades existentes pela abertura de novas possibilidades (HALL, 2003, p. 83), o que daria surgimento a um sujeito do conhecimento reconhecedor do outro e da diversidade do mundo social, ambiental e cultural, envolvendo a aceitação às diferenças na e com a pluralidade das culturas humanas. (BERTASO, 2007), pois a cultura é vista como uma instância simbólica da produção e reprodução da sociedade. Em todos esses comportamentos estão entrelaçados a cultura e a sociedade, o material e o simbólico. (CANCLINI, 2004, p. 37)

A importância das novas tecnologias e das transformações culturais na globalização, está, como vimos, na geração de uma nova ordem mundial. O imediatismo das mudanças é extremo, e aparenta ser mais perceptível quando se fala em tecnologia, mesmo acontecendo também nos aspectos sociais e culturais, pois a internet, em geral, concede ao mundo globalizado maior capacidade de integração cultural e de fragilização dos efeitos simbólicos do etnocentrismo.

### A cultura contemporânea, na compreensão de Sidekum:

Tem dimensões de grandiosidade universal pelas redes da globalização da comunicação e possui possibilidades que extrapolariam o imaginário dos visionários de alguns séculos atrás. É um fato de grandiosidade insuportável para os mediocres que ainda insistem em justificar pela violência do poder de dominação a sua capacidade insubstituível para governar nosso mundo acadêmico, para articular nosso mundo social, para gerenciar nosso mundo econômico e para disponibilizar sobre nossa política, tanto na esfera regional como na esfera universal. (2003)

Essas transformações culturais e sociais, de dimensões universais, é que estão levando a sociedade a repensar os tipos de atitudes que irão definir as relações humanas no século XXI, pois as bases tradicionais do modo moderno de se relacionar estão começando a se desintegrar. Estamos percebendo que vivemos em um período de acentuadas mudanças, em que o mundo se parece muito mais com um pensamento do que com uma máquina, existindo uma ampla aceitação de que o conhecimento avança na direção de uma realidade surpreendente e inovadora. Processos de significação como esses, não podem ser evitados ou detidos, pelo contrário, devem ser bem recebidos, pois são excelentes propostas para um futuro onde possamos almejar um horizonte de paz para a humanidade, muito embora saibamos que a globalização, não tenha ainda demonstrado um efeito combativo efetivo aos níveis de violência, intolerância e desigualdade social existentes no mundo.

### 3. CONEXÕES SOCIAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

Em um mundo de conexões sociais totalmente novas, popularizadas pela internet, o poder tradicional, aquele dos Estados, nesse início do século XXI, poderia ser mais caracterizado como sujeito passivo do que ativo de observação, fazendo com que os cidadãos passassem de meros observadores a atentos vigilantes. A sobreposição do espaço das novas tecnologias para o espaço público tradicional teve o efeito de tornar o cenário político mais observado, de perto e de todos os ângulos possíveis. (INNERARITY, 2013, p. 89). Essas sobreposições, no entendimento de Innerarity:

Plantam dificuldades inéditas aos Estados nacionais, modificam nossos bens e nossos espaços públicos. O horizonte a que aponta todo ele é uma política de humanidade, ou seja, a possibilidade de que a humanidade como um todo (qualquer que seja) atue como tal, e a necessidade de configurar um nível de governança em correspondência com a da natureza dos bens comuns da humanidade que se fazem valer cada vez com mais insistência nos espaços ilimitados da globalização. (2013, p. 144)

Na conjuntura atual, muitos países já não são habitados por uma população de desinformados, alienados aos problemas econômicos e sociais, mas sim, por uma inteligência melhor distribuída, uma cidadania insurgente, mais exigente e ativa, formada em grande parte, por agências internacionais, pela imprensa e pela opinião pública conectada, que

não apenas os avaliam, como também, dispõem, em alguns casos, de mais e melhor conhecimento. Para Di Felice (2012, p. 58),

o advento da web 2.0 determina a passagem da mídia alternativa, isto é, das formas de uso e de produção de conteúdo alternativo disseminadas nos diversos âmbitos contraculturais, para a mídia participativa, ou seja, as formas sociais digitais que articulam suas arquiteturas através do diálogo e do compartilhamento de conteúdos.

Contudo, a expansão das novas tecnologias pelo mundo, não eliminou totalmente a diversidade nas relações sociais entre as pessoas, ou entre as pessoas e o conhecimento. As diferenças e as discrepâncias continuam existindo, apesar da aproximação e do aumento ao acesso às novas tecnologias. Canclini (2004, p. 194), proclama que “a diversidade reaparece, assim, no núcleo de projeto da sociedade do conhecimento. E o componente que a distingue da sociedade da informação, é o ponto em que se articulam a problemática da diferença e a problemática da conexão.”

Não seria plausível nem sensato esperar que o aumento do acesso à internet, por si só, causasse o desaparecimento das diferenças econômicas entre os povos, ou esperar que essa conexão eliminasse totalmente as desigualdades. A redução na lacuna digital<sup>2</sup> poderia tão somente, diminuir a desigualdade de acesso ao ciberespaço. Em última instância, o incremento conectivo não produzirá nem sequer aquele resultado que se atribuiu como específico: conhecimento pleno. Seguramente que os avanços e as intensificações das conexões expandirão o acesso à informação, como já está ocorrendo. (CANCLINI, 2004, p. 194).

No entanto, questionamos se essas intensificações das conexões sociais, das quais são exemplos as mobilizações iniciadas na Primavera Árabe, resultado do acesso e da aproximação da população às novas tecnologias, teriam efeitos sobre as democracias contemporâneas, tornando-as mais justas e participativas?

#### 4. INTENSIFICAÇÕES DAS CONEXÕES SOCIAIS E MOBILIZAÇÕES NAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

Em seu livro, *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*, Castells escreveu sobre o início, até então emocionante e avassalador da Primavera Árabe. Em um primeiro momento, o fato de os manifestantes estarem conectados, compartilhando pela internet, com pessoas do mundo todo, suas indignações e esperanças, teve um efeito

2 O acesso à internet popularizou-se de uma maneira sem precedentes. Nunca antes na história da humanidade, as pessoas estiveram tão conectadas umas às outras. De acordo com o relatório anual da União Internacional de Telecomunicações (UIT) – *Medindo a Sociedade de Informação 2013* – a banda larga móvel se tornou o segmento que mais cresce do mercado mundial da Tecnologia de Informação e Comunicação. No final de 2013, havia 6,8 bilhões de assinaturas para telefones celulares – quase o número total de pessoas no planeta. Conexões de banda larga móvel em 3G e 3G+ estão crescendo a uma taxa média anual de 40%, o equivalente a 2,1 bilhões de assinaturas de banda larga móvel e uma taxa global de quase 30%. Quase 50% de todas as pessoas do mundo estão agora conectadas por uma rede 3G. Estima-se que, no final do ano de 2013, 2,7 bilhões de pessoas também estivessem conectadas à Internet. Podendo chegar a 3 bilhões já no final de 2014. Este número quer dizer que 40% da população mundial estará conectada, sendo que 2/3 destas pessoas são moradores de países em desenvolvimento, e entre eles está o Brasil. **Measuring the Information Society**. Disponível em: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/mis2013.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2016.

extremamente significativo e emocionante. A impressão era de que os cidadãos estavam mais empoderados do que nunca com a ajuda da tecnologia. Essa foi a sensação: nós podemos!

Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história - sua história -, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2013, p. 08)

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. (CASTELLS, 2013, p. 07). Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. (CASTELLS, 2013, p. 07-08)

[...] se a representação política e os responsáveis pela tomada de decisão tiverem condições de estabelecer uma relação com essas novas fontes de contribuição de cidadãos interessados na política, sem que o processo fique restrito a uma elite tecnologicamente capacitada, um novo modelo de sociedade civil pode ser construído, possibilitando a popularização da democracia, via eletrônica. (CASTELLS, 1999, p. 411)

Em contrapartida, a volatilidade desse meio de comunicação poderia incorrer na intensificação da “política do *showbiz*”, com a predominância de mitos e modismos, uma vez sobrepujado o poder de racionalização dos partidos e instituições pelos fluxos de tendências políticas ora convergentes, ora divergentes. (CASTELLS, 1999, p. 410) Apesar de a Primavera Árabe ser um clássico exemplo sobre a irrupção da população na luta por seus anseios, sabemos, como já alertamos brevemente acima, que em alguns países, as consequências acabaram sendo de maior opressão por parte do poder estatal.<sup>3</sup> Assim, tem-se a impressão de que é na esfera da política simbólica, e na organização de mobilizações em torno de um único tema realizadas por grupos e indivíduos externos ao sistema político “principal”, que a nova comunicação eletrônica poderá produzir efeitos mais drásticos. (CASTELLS, 1999, p. 411) [...] permitir mobilizações em torno de um único tema que ignoram a política formal pode minar ainda mais as instituições democráticas. (CASTELLS,

---

3 Não podemos deixar de salientar que, de uma maneira geral, os governos temem os efeitos emancipatórios da internet. Como exemplo desse medo, podemos citar o caso do Egito em 2011, quando o governo derrubou a internet de 88% do país por 24 horas, durante as manifestações que pediam a renúncia do então Presidente Hosni Mubarak. Pela primeira vez na história da internet, um governo conseguiu desabilitar totalmente o acesso à rede mundial de computadores, fazendo com que os militantes egípcios ficassem completamente isolados de todo o resto do mundo. Apenas um provedor egípcio permaneceu com suas rotas inalteradas após a estratégia adotada pelo governo: o *Noor Data Group* que se conecta à rede por meio de um cabo de fibra óptica submarina, e pertence à empresa Telecom Itália. Mas não foi descuido ou benevolência do governo, já que o servidor era o único usado pela bolsa de valores local e por isso, não pode parar em momento algum. (HECKE, 2011).

1999, p. 411) [...] em outras palavras, a política *online* poderia exaltar a individualização da política e da sociedade, a tal ponto que a integração, o consenso e a criação de instituições tornar-se-iam metas perigosamente difíceis de serem atingidas. (CASTELLS, 1999, p. 410)

Nesse diapasão, sérias críticas têm sido endereçadas à essas perspectivas. O IPPOLITA, um movimento internacional coletivo de pesquisas, composto por *hackers*<sup>4</sup> e ativistas sociais, um servidor e uma comunidade de escritores, em uma encruzilhada para compartilhar instrumentos e conhecimentos entre a linguagem do mundo digital e a linguagem escrita, criticou a nefasta categoria dos tecnoentusiastas, defensores, eles sim, da internet-centrismo pelo que tudo estaria destinado a passar pela internet, desde as relações interpessoais às compras, desde a política local à global e à internacional, desde a saúde e a informação. (IPPOLITA, 2012, p. 19-20). A Web 2.0 seria a utopia *online* de um mundo democraticamente perfeito, no qual cada *netizen* (cidadão da rede) contribuiria para o bem-estar de todos.

Naquele início de Primavera Árabe, os ciberutopistas estavam convencidos de que a livre circulação das informações seria um instrumento efetivo à democracia, pois se são os usuários<sup>5</sup> os geradores da maioria dos conteúdos, a democracia deveria surgir espontaneamente, como se fosse uma consequência natural da internet. A aproximação e o acesso às novas tecnologias, traria para a comunidade internacional, a tão desejada democracia global. Para entusiastas ou comedidos, a simples conexão ocasionaria, automaticamente, melhorias nos índices de participação e democracia, assim propagavam:

Há chegado a era da liberdade e os regimes autoritários estão a ponto de serem derrubados a golpes de *Twitter*. É praticamente impossível que os cidadãos conectados e conscientes padeçam aos abusos das administrações corruptas, às manipulações do marketing, à propaganda dos extremistas religiosos, nacionalistas e xenófobos, às estafas dos maliciosos, à violência oculta em muitas relações sociais (que em inglês são conhecidas com o nome de *mobbing*<sup>6</sup> ou *stalking*<sup>7</sup>), às chantagens do crime organizado. O cibercidadão elege sempre, de forma consciente. Definitivamente, a ignorância seria um problema residual, as guerras, uma questão de falta de informação, até a fome e a pobreza se resolveriam com a abundância das informações e relações gratuitas, estabelecidas na grande praça democrática da internet. (IPPOLITA, 2012, p. 22).

O entusiasmo mostrado pelas redes, e mais ainda, pela sociabilidade na rede, é um fenômeno clássico que se verifica pontualmente quando emerge uma nova tecnologia

---

4 En el centro de nuestra era tecnológica se hallan unas personas que se autodenominan hackers. Se definen a sí mismos como personas que se dedican a programar de manera apasionada y creen que es un deber para ellos compartir la información y elaborar software gratuito. No hay que confundirlos con los crackers, los usuarios destructivos cuyo objetivo es el de crear virus e introducirse en otros sistemas: un hacker es un experto o un entusiasta de cualquier tipo que puede dedicarse o no a la informática. HIMANEN, Pekka. **La Ética del Hacker y el Espíritu de la Era de la Información**. Barcelona: Destino, 2002. p. 02.

5 Aos usuários da Rede os chamam visitantes e quem visita não impõe as regras em uma casa e muito menos se se trata de uma casa tão peculiar onde entra mais lixo do que sai. São tantas as inseguranças da Rede que já se pode criar o defensor do internauta. (CASTELLS, 1999. p. 42)

6 Assédio psicológico.

7 Perseguição persistente.



mediática. (IPPOLITA, 2012, p. 23). Assim aconteceu, desde o surgimento da impressão, passando pelo telégrafo, pelo rádio e pela televisão, não sendo diferente com a internet. Sempre foi assim, desde a Guerra do Golfo, transmitida pela CNN,

até a Primavera Árabe no *Facebook* e *Twitter*, os meios em tempo real não trouxeram a democracia automaticamente, mas permitiram aos ocidentais sentir-se parte do espetáculo global ficando comodamente sentados em seus sofás. Quase todos os velhos ditadores estão ainda em seus lugares, mesmo que outros novos tenham aparecido no cenário mundial em cada continente. (IPPOLITA, 2012, p. 21).

A utilização de redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter* na Primavera Árabe, passando pelos Indignados da Espanha, pelas Manifestações de Estudantes no Chile, pelo *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos e até mesmo pela Revolução dos Guarda-Chuvas em Hong Kong, não fizeram delas instrumentos revolucionários ativos, serviram, muito mais, como ferramentas de comunicação, aproximação e reivindicação entre os ativistas. Muito bem acentua o IPPOLITA (2012, p. 145), quando diz que “as pessoas fazem as revoluções, não existem tecnologias insurgentes; são as pessoas que se rebelam utilizando o que tem a mão, neste caso, também as redes digitais privadas.”

Ao que percebemos, a simples conexão ainda não foi suficiente para que mudanças institucionais efetivamente acontecessem nesses países, representando, em alguns casos, um problema, se não for acompanhada de muita consistência política e de uma excelente organização posterior por parte dos manifestantes em rede.

#### 4.1. TUNÍSIA – REVOLUÇÃO DE JASMIM

Na Tunísia, as revoltas tiveram início quando um cidadão chamado Mohamed Bouazizi, na pequena localidade de Sidi Bouzid, região central do país, autoimolou-se, na manhã do dia 17 de dezembro de 2010, por ter sua banca de frutas e verduras, repetidas vezes confiscada pela polícia local. Mohamed não aceitava mais pagar propina. Seu primo filmou a cena e a compartilhou pela internet, fazendo com que pessoas do mundo todo a visse.

A autoimolação deste jovem, na época com 26 anos, gerou uma onda de protestos por todo o país, fazendo com que o então ditador Ben Ali, após 23 anos no poder, fosse forçado a deixar o país, fugindo para a Arábia Saudita. Foi o início das revoltas e manifestações que ficaram conhecidas no mundo todo como Primavera Árabe.

No entanto, passado o sonho inicial da Primavera Árabe, na maioria dos países insurgentes, o resultado foi desanimador, pois as revoltas e as manifestações populares, tiveram como resultado o fortalecimento de velhas ditaduras, novas guerras e até intervenções estrangeiras. A Tunísia, entretanto, foi uma exceção. O país encontrou medidas para iniciar a mediação entre um regime democrático e o Islã político. Uma nova Constituição foi assinada em 2014, e, apesar de alguns problemas não terem desaparecidos, como a não determinação do fim da pena de morte, a nova Constituição tunisiana, pode ser considerada democrática, se comparada às demais constituições dos países do Oriente Médio. O texto constitucional trouxe algumas inovações, para um país que até pouco tempo atrás, era comandado por um ditador. A Constituição prevê a divisão de poderes entre o presidente e o primeiro-ministro, a igualdade entre homens e mulheres e a liberdade de expressão.

Todo esse esforço pela conciliação e pela democracia, fez com que o júri do Nobel da Paz dedicasse o prêmio de 2015, para o Quarteto do Diálogo Nacional Tunisiano, quatro organizações da sociedade civil que buscaram uma saída consensual para a aguda crise política que a Tunísia vivia em 2013 e que ameaçava destruir o processo de transição iniciado depois da Primavera Árabe, em 2011. (GONZÁLEZ, 2015)

O Quarteto é formado pela central sindical UGTT (União Geral dos Trabalhadores Tunisianos), pela entidade patronal UTICA (União Tunisiana da Indústria, Comércio e Artesanato), pela Liga Tunisiana dos Direitos Humanos e pela Ordem dos Advogados. (GONZÁLEZ, 2015). A habilidade para negociar foi crucial para que o Quarteto salvasse a transição e recuperasse o consenso que a classe política exibiu nos meses seguintes à queda do ditador Zine El Abdine Ben Ali, em janeiro de 2011. (GONZÁLEZ, 2015)

Mesmo mantendo o Islamismo como religião oficial, outra significativa conquista foi trazida: a Constituição da Tunísia não estabeleceu a *sharia* (lei islâmica), como fonte suprema de direito, fazendo da Tunísia, um estado democrático e laico.

#### 4. 2. EGITO – PRAÇA TAHRIR

A população egípcia, empolgada com o exemplo promissor da vizinha Tunísia, saiu às ruas durante a Primavera Árabe, clamando por democracia, transparência e liberdade de expressão. Não demorou muito, para que as manifestações tomassem conta das ruas de todo país. A Praça Tahrir, na região central de Cairo, foi eleita como principal ponto de encontro, assim como símbolo de resistência à opressão.

As mobilizações derrubaram Hosni Mubarak, no poder há 30 anos, rapidamente, levando os militares, na época representados pelo Conselho Supremo das Forças Armadas, ao poder. No entanto, não demorou muito, para que os militares comessem a perder o apoio da população. Sentindo a insatisfação popular, o Conselho Supremo buscou apoio na Irmandade Muçulmana, um movimento de cunho político-religioso, chefiado por Mohamed Morsi, que posteriormente, no ano 2012, se tornaria o primeiro presidente democraticamente eleito da história do Egito.

No entanto, como bem relata José Antonio Lima (2014): “o governo de Morsi foi caótico. Conseguiu unir contra si quase todos os setores da sociedade.”

Mais uma vez, a instabilidade política voltava ao Egito. Morsi perdeu o poder ainda em julho de 2012. Sendo o Egito o país de maior população do Oriente Médio, servindo como parâmetro para os demais países da região, a queda de Morsi, demonstrou que o projeto de poder da Irmandade Muçulmana não foi muito bem recebido.

Naquele momento, logo após a queda de Morsi, apareceu a figura de Abdel Fattah Al-Sissi. Antigo chefe das Forças Armadas do Egito, nomeado pelo próprio Morsi, teve papel ativo na queda de Morsi. Sissi aparentava ser um líder carismático e poderoso, o que conquistou boa parte da população egípcia, ansiosa por um homem forte que pudesse acabar com a instabilidade política dos três anos anteriores. (LIMA, 2014)

Contudo, desde a saída de Morsi, pertencente à Irmandade Muçulmana, as autoridades egípcias, iniciaram uma ferrenha e ilimitada perseguição aos simpatizantes, integrantes e líderes do grupo. A Irmandade foi declarada posteriormente, como organização terrorista e banida do Egito pela Justiça do país.<sup>8</sup>

---

8 Durante a ditadura de Hosni Mubarak, a Irmandade Muçulmana esteve banida e funcionou na clandestinidade. Com o fim do regime, em 2011, a organização voltou à legalidade.

Desde então, um clima de insegurança e incerteza tomou conta do Egito. A população, mais uma vez está insatisfeita com a conjuntura governamental. A situação aparenta estar ainda pior do que anteriormente, quando Mubarak estava na presidência. As manifestações contrárias ao atual governo, são brutalmente reprimidas.

A dura repressão e os alertas sobre protestos são uma tentativa do novo ditador de castrar a sociedade e evitar a instabilidade que abalou o regime Mubarak. (LIMA, 2014). O Egito passa por um conturbado período de transição, onde o sangue parece derramar. Ocorre, que a insatisfação não pode ser contida com repressão. A continuação da falta de liberdade e das péssimas condições econômicas voltará a ser prioridade para os egípcios quando o período de transição acabar. (LIMA, 2014)

Como ocorreu com Mubarak, com o regime militar que se seguiu a ele e com Morsi, o alvo da indignação será o governo. Sissi aposta no terror que impõe à população, mas se há algum legado positivo da Primavera Árabe no Egito, acentua Lima, é a “perda do medo da população.” (LIMA, 2014)

## 5. Considerações finais

No texto acima exposto, trabalhamos, em um primeiro momento, com as transformações sociais e culturais da comunidade internacional e, como essas transformações, impulsionadas pela globalização e ampliada pelas novas tecnologias, estão gerando mudanças nas formas de compreensão do mundo nas democracias contemporâneas.

Essas mudanças, resultados de novas formas de pensar e agir da população, estão sendo fortemente impulsionadas pelas novas tecnologias. A sociedade do conhecimento está conectada. Com tal conexão, a sociedade acumula mais informações, podendo comparar as realidades entre os países. É um truísmo afirmar que em alguns lugares os índices de cidadania, democracia e confiança são mais elevados que em outros.

Podemos observar, então, que o fato de estarem conectadas em redes sociais e demais elementos proporcionados pela rede mundial dos computadores, trouxe maior empoderamento às pessoas em escala mundial, fazendo-as sair às ruas, desde o final de 2010, para reivindicar uma nova política em seus países, seja por mais democracia, por melhores condições de vida, por mais liberdade de expressão, trabalho, educação, ou pela simples diminuição da corrupção.

Assim, podemos observar na presente pesquisa, que as novas tecnologias, servem sim, para compartilhar informações e trazer mais conhecimento, tornando a sociedade mais atenta, crítica e insatisfeita, desencadeando centenas de mobilizações sociais pelo mundo. No entanto, não são plenamente suficientes para causarem mudanças efetivas aos países. As novas tecnologias, especialmente a internet, atuam como meios de compartilhamento imediato de informações e conhecimento, mas não atuam como instrumentos revolucionários ativos, esses sim, causadores de verdadeiras mudanças.

É por isso que, em que pese os visíveis efeitos emancipatórios da tecnologia e das redes sociais no empoderamento da sociedade, o que conseguimos perceber, foi que embora as novas tecnologias ocupem um papel muito significativo na conjuntura internacional atual, muitas vezes, até amedrontando governos e suas tradicionais formas de poder, ainda não conseguem, efetivamente, estabelecer ou tutelar a democracia.

Em geral, como tratamos ao longo do artigo, a Primavera Árabe não trouxe grandes avanços em relação àquilo que fora reivindicado. Essa constatação nos leva a crer que em que

pese o compartilhamento de ideias, informações e contatos, a sensação de empoderamento das pessoas conectadas, por si só, não representa automaticamente os avanços almejados. A Primavera Árabe, em linhas gerais, nos serviu para demonstrar que a sensação de empoderamento, por intermédio das redes sociais e da tecnologia, embora positiva, pode representar um problema se não for acompanhada de muita consistência política e uma maior organização por parte dos manifestantes em rede.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Tariq. O Espírito da Época. In: HARVEY, David. [et al.]. **Occupy**: movimentos de protestos que tomaram as ruas. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 65-71.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BERTASO, João Martins. Cidadania e demandas de igualdade: dimensão de reconhecimento na diversidade cultural. In: OLIVEIRA JUNIOR, José Alcebíades de. (org.). **Faces do Multiculturalismo**: teoria – política – direito. Santo Ângelo: EDIURI, 2007. p. 57-86.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguales y Desconectados**: mapas de la interculturalidad. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. v. 2. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DI FELICE, MASSIMO. Net-ativismo e Ecologia da Ação em Contextos Reticulares. **Revista Contemporânea: comunicação e cultura**. v.11, n.02, p. 267-283, mai/ago, 2013.
- DI FELICE, MASSIMO. Net-ativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. v. 19, n.1, p. 27-45, jan/dez, 2012.
- GONZÁLEZ , Ricard. **Nobel da Paz premia a transição da Tunísia após a Primavera Árabe**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/09/internacional/1444377811\\_634974.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/09/internacional/1444377811_634974.html)>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. (org) Liv Sovik. Tradução: Adelaide La Guardia Resende. [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HECKE, Caroline. **Como o governo do Egito derrubou a internet de todo o país**. 2011. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/internet/8119-como-o-governo-do-egito-derrubou-a-internet-de-todo-o-pais.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- INNERARITY, Daniel. **Un Mundo de Todos y de Nadie**: piratas, riesgos y redes en el nuevo desorden global. Barcelona: Espasa Libros, 2013.
- IPPOLITA. **En el Acuario de Facebook**: el resistible ascenso del anarco-capitalismo. Madrid: Enclave de Libros, 2012.

- LIMA, José Antonio. **No Egito, a Primavera Árabe acabou.** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/no-egito-a-primavera-arabe-acabou-4458.html>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- MATTOS, Aderbal Meira. Globalização, integração e nova ordem mundial. *In*: GUERRA, Sidney. (org). **Globalização: desafios e implicações para o direito internacional contemporâneo.** Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 37-50.
- MORIN, Edgar. **Terra Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2005.
- Measuring the Information Society.** Disponível em: <<http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/publications/mis2013.aspx>>. Acesso em: 30 mar. 2016.
- MONTIEL, Edgar. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. *In*: SIDEKUM, Antônio. (org). **Alteridade e Multiculturalismo.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003. p. 15-58.
- RIFKIN, Jeremy. **A Era do Acesso.** Tradução de Maria Lucia G. Rosa. São Paulo: Makron Books, 2001.
- ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo.** Brasília: Ed, brasiliense, 1998.
- SIDEKUM, Antônio. Alteridade e Interculturalidade. *In*: SIDEKUM, Antônio. (org). **Alteridade e Multiculturalismo.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003. p. 233-298
- WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Tradução de Isabel Crossetti. 3. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

### Thami Covatti Piaia

thamicovatti@hotmail.com

Doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS. Visiting Scholar na Universidade de Illinois Campus de Urbana-Champaign EUA (2012).

### Gustavo de Lima Pereira

gustavo.pereira@puccrs.br

Mestre em Direito pela UNISINOS. Doutor em Filosofia pela PUCRS. Coordenador do SADHIR - Serviço de Assessoria para Imigrantes e Refugiados na PUCRS.